



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DO SOCORRO ALVES CÉSAR

NAZAREZINHO/PB -
TRAÇANDO UMA IDENTIDADE CULTURAL A PARTIR DAS MEMÓRIAS DO
CANGAÇO

SOUSA – PB

2014

MARIA DO SOCORRO ALVES CÉSAR

NAZAREZINHO:

**TRAÇANDO UMA IDENTIDADE CULTURAL A PARTIR DAS MEMÓRIAS DO
CANGAÇO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Orientadora: Ada Kesea Guedes Bezerra

Área de Pesquisa: A Sociedade Brasileira e as Diferenças Socioculturais

SOUSA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C421n César, Maria do Socorro Alves
Nazarezinho PB - traçando uma identidade cultural a partir das memórias do cangaço [manuscrito] / Maria do Socorro Alves César. - 2014.
39 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Teoria da História e Metodologia do Ensino da História EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ada Kesea Guedes Bezerra, DECOM".

1. Identidade local. 2. Cultura. 3. Cangaço. I. Título.
21. ed. CDD 380.145

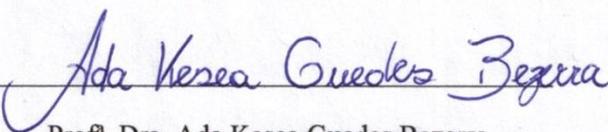
MARIA DO SOCORRO ALVES CÉSAR

**NAZAREZINHO:
TRAÇANDO UMA IDENTIDADE CULTURAL A PARTIR DAS MEMÓRIAS DO
CANGAÇO**

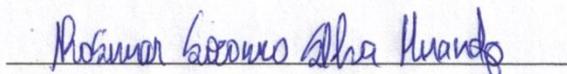
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Aprovado em: 06 / 12 / 2024

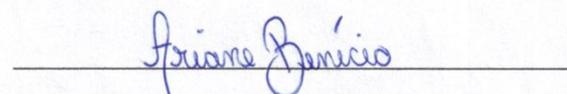
BANCA EXAMINDORA



Profª. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra
Orientadora - UEPB



Profª. Esp. Rosimar Socorro Silva Miranda
Examinadora – UEPB



Profª. Ma. Ariane Kercia Benício de Sá Barreto
Examinadora – UEPB

Vingar-se é menos do que humano, porque é próprio das feras. Perdoar é mais do que humano, porque é próprio de Deus.

(Chico Pereira)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Lino *in memoriam*, pelo exemplo de força e coragem.

A minha mãe que, com dedicação, sempre me incentivou a crescer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente a Deus que me iluminou em toda caminhada fazendo-me chegar ao término desse curso.

Aos meus sobrinhos, Raphael, Luís Eduardo, Stephanie, Matheus, Luanna, Murillo, Pedro Henrique, Maria Letícia, Severino Neto e Júlia, sinônimos de alegria em nossa família.

A todos da minha família pelo apoio em todos os momentos difíceis.

À professora e orientadora Dra. Ada Kesa Guedes Bezerra pelo carinho e sabedoria que foi empenhado na construção desse trabalho.

A coordenadora Ana Alice Rodrigues pela compreensão e amizade dedicada ao longo do curso.

Aos meus colegas de curso pelo companheirismo e experiências compartilhadas.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo contemplar uma breve reflexão teórica sobre o conceito de identidade ao mesmo tempo em que busca analisar o evento do cangaço enquanto elemento constituinte e essencial na construção dessa identidade local da comunidade de Nazarezinho – PB. No caso em tela a comunidade da Cidade de Nazarezinho – PB se constitui como pano de fundo e como objeto de estudo para a fundamentação e análise do presente trabalho, tendo como enfoque fundamental os aspectos políticos, sociais e culturais, que orientarão essa pesquisa e, mais especificamente, da ótica do evento do cangaço que de modo peculiar, marcou intensamente suas raízes históricas e culturais. Nesse sentido, propõe uma análise acerca de um conjunto de informações e aspectos sociais, políticos, religiosos e culturais que possibilitem uma análise do perfil social, cultural e histórico da cidade de Nazarezinho – PB enquanto sociedade organizada socialmente. Procura traçar uma identidade local, tomando como enfoque esses aspectos a partir da memória historiográfica fornecida por documentos e pela população daquela comunidade, obras literárias e científicas de habitantes locais, bem como a produção imagética e documental. O material da presente pesquisa foi constituído de doações, levantamento de dados com relatos e de pesquisas nos acervos da biblioteca local, mas especialmente dos acervos particulares de grande parte das famílias da cidade. Nestes termos, e levando em consideração os aspectos do cangaço traça um perfil cultural dessa comunidade sem, contudo, desconsiderar os demais aspectos constitutivos de uma comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Local. Cultura. Cangaço.

ABSTRACT

This paper aims to contemplate a theoretical reflection on the concept of identity while that analyzes the highwaymen of the event as a constituent and essential element in building its local identity of Nazarezinho community - PB. In the present case the community of the City of Nazarezinho - PB is constituted as a backdrop and as an object of study for the reasoning and analysis of this study , with the key focus political, social and cultural , that will guide this research and , more specifically , the cangaço event optics that peculiarly , intensely marked its historical and cultural roots. In this sense, we propose an analysis of a set of information and social, political, religious and cultural enabling an analysis of the social profile, cultural and historic city of Nazarezinho - PB as a society organized socially. Attempts to give a local identity, taking as focus these aspects from the historiographical memory provided by documents and by the population of that community, literary and scientific works of local inhabitants and the image production and documentary. The material of this study consisted of donations, data collection with reports and research at the local library collections, but especially the private collections of most of the city's families. Accordingly, and taking into account aspects of the highwaymen traces a cultural profile of this community without, however, disregard the other constitutional aspects of a community.

KEYWORDS: Local Identity. Culture. Highwaymen.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do Livro Vingança Não, de Pe. Pereira.....	25
Figura 2: Foto do cangaceiro Chico Pereira.....	25
Figura 3: Foto do cangaceiro Chico Pereira.....	26
Figura 4: Foto de Jarda, esposa de Chico Pereira.....	27
Figura 5: Foto da Capelinha.....	28
Figura 6: Antiga casa do Jacu, onde morava Chico Pereira.....	29
Figura 5: Capa do Livro de Humberto Mendes.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CANGAÇO E IDENTIDADE.....	13
1.10 CANGAÇO COMO ELEMENTO CONSTITUINTE DA IDENTIDADE LOCAL.....	13
1.2 POR UM CONCEITO DE IDENTIDADE.....	17
2 MEMÓRIA HISTORIOGRÁFICA.....	20
2.1 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA.....	20
2.2 PRODUÇÃO IMAGÉTICA E DOCUMENTAL.....	24
3 MEMÓRIA POPULAR.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE.....	38

INTRODUÇÃO

O cangaço constituiu um episódio da história brasileira e nordestina especificamente, ocorrido nas décadas finais do século XIX, um tempo marcado por lutas, pelas secas, fome e desigualdade social. Os cangaceiros no geral, eram homens pobres que revoltosos com suas condições sociais, armavam-se sozinhos ou em bandos com o objetivo de roubar e desafiar as autoridades políticas e jurídicas da região. Também enfrentavam os senhores de terras e comércios, detentores de alguma forma de poder local.

Conheciam o ambiente onde atuavam e isso lhes facilitava a fuga e quase sempre permaneciam ilesos e sempre procurados pela polícia. Cabe ressaltar que a maioria desses homens lutava em seu próprio benefício, e pouco ou nada respeitavam as leis.

A figura dos cangaceiros como homens destemidos rendia-lhes o título de heróis do povo, haja vista lutarem contra as pessoas que lhes oprimiam e exploravam. Nesse sentido, acabaram por ganhar a fama de justiceiros. Assim, no Brasil, foi-se instituindo a história do cangaço que teve como expoente máximo, a figura de Lampião, o Virgulino Ferreira da Silva, personagem que entra para a história do país.

O Município de Nazarezinho - PB não ficou de fora desse cenário, uma vez que o cangaço foi ponto forte na sua história e cultura e ainda em tempos atuais ela é explorada turisticamente e reconhecida como traço marcante da sua identidade local.

A comunidade nazarezinense, embora reconheça o fenômeno do cangaço, em termos gerais, como um episódio negativo, tende a abordá-lo dentro do seu perfil local como algo positivo, delineador de sua identidade local e fenômeno passível de exploração cultural e turístico. Nesse sentido, as escolas locais abrem um espaço, ainda singelo, para a reflexão acerca desse acontecimento na história do seu povo.

A identidade local é compreendida como um conjunto de elementos tradicionais e físicos envolvendo os cidadãos, seus comportamentos, sua linguagem, sua cultura e os seus valores dentro de uma determinada comunidade.

Para fins desse trabalho tomaremos como pano de fundo a história do cangaço no Município de Nazarezinho – PB, cujos aspectos sociais, políticos, religiosos e culturais são bastante expressivos, assim como o cangaço que lá marcou-lhe a identidade, no sentido de refletir acerca dos episódios de cangaço ocorridos na comunidade de Nazarezinho – PB enquanto traço delineador da sua identidade local.

Por se tratar de um assunto de cunho essencialmente histórico, nosso projeto buscará realizar um levantamento de dados acerca do movimento do cangaço no Município de

Nazarezinho – PB, sem, contudo, esquecer de contextualizar esses informes dentro de um panorama maior, mais completo, que foi a história do cangaço no nordeste e no Brasil, de um modo geral.

Nesse sentido, é importante atividades de coleta de dados através de estudos de entrevistas, pesquisas bibliográficas, visitas a espaços geográficos cujas marcas do cangaço ainda se fazem presentes para obtenção de imagens (fotografias), visita a escolas e conversas com professores sobre o tema, com foco na abordagem do assunto nas escolas, bem como a audiência de vídeos sobre a temática.

O Município está localizado à Oeste do Estado da Paraíba, no Sertão, na microrregião de Sousa – PB e apresenta uma área territorial de 227,3 Km² com relevo e hidrografia bastante diversificados. Sobre sua origem, a Professora Socorro Augusta (2003, p. 16) em sua pesquisa afirma que “Nazarezinho, assim como as demais cidades sertanejas têm os fundamentos de suas histórias nos episódios da penetração do sertão paraibano, desencadeada pela atividade pastoril”.

A comunidade possui uma economia bastante peculiar voltada para a pecuária, a pesca, o pequeno comércio, a agricultura, o artesanato e o turismo, baseado este último na realização das festividades locais (padroeiro, carnaval e festejos juninos) e em pontos turísticos que atraem muitas pessoas e incrementa o comércio local. Além, disso seu acervo histórico possibilita aos moradores locais e aos visitantes grandes informações sobre a história do cangaço.

Na cidade, a história do cangaço envolveu como em tantos outros lugares, episódios de violência, lutas e morte, mas também de amor, romance, religiosidade.

Esses aspectos foram detalhados nesse estudo de modo mais sistemático, no intento de traçar um perfil histórico e cultural, baseados nos acontecimentos desencadeados pelo cangaço na comunidade. Nesse sentido, o presente trabalho permitirá uma reflexão mais específica sobre o evento na tentativa de se desenvolver uma postura crítica em face desse episódio na comunidade nazarezinense.

A presente monografia divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo compreende os conceitos de cangaço e identidade local, para tanto foram utilizados os pressupostos teóricos de Hall (2006), Castells (1999), Smith (2002), Silva (2011) e Mendes (2012).

O segundo capítulo aborda a discussão acerca da memória historiográfica da comunidade com foco no evento do cangaço naquela região e, nesse sentido, discute aspectos referentes à produção bibliográfica dessa comunidade no que tange ao tema discutido. Ainda

nesse capítulo, é realizada análise da produção imagética e documental de Nazarezinho e para tanto utilizaremos os textos de Augusta (2003), Formiga (2012) e Pereira (1989).

O terceiro capítulo, por fim, é destinado à análise da memória popular dos habitantes da comunidade sobre os fatos relacionados a este trabalho, a saber, o cangaço e a influência cultural que tal prática causou ao povoado. Nesse sentido, constitui material empírico depoimentos com moradores, historiadores e demais cidadãos da cidade selecionados para este levantamento. Vale ressaltar ainda que a escolha da amostra é aleatória obedecendo um único critério: ser cidadão nazarezinense e ter conhecimentos de histórias, relatos e vivências com práticas e fatos referentes ao cangaço na região.

1 CANGAÇO E IDENTIDADE

1.1 O CANGAÇO COMO ELEMENTO CONSTITUINTE DA IDENTIDADE LOCAL

Em tempos onde os avanços tecnológicos e a globalização são processos cada vez mais rápidos e de amplo alcance, a identidade local de um povo, ou de uma comunidade, especificamente, corre o risco de se perder dentre as inúmeras e onipresentes possibilidades de interação cultural.

Nesse sentido, atitudes que visam resgatar e conservar essa cultura singular que reflete o modo de vida de determinadas comunidades e a forma como seus membros se relacionam devem ser estimuladas, pois é através desse tipo de atividade que as identidades locais são sistematizadas, estudadas e conservadas.

Estudar e refletir sobre o movimento do cangaço num contexto específico é um desafio atraente, haja vista ser considerado um dos principais aspectos da cultura local. Além disso, o município não dispõe de um estudo específico sobre esse expoente cultural, necessitando de algo que aponte perspectivas de sistematização de práticas identitárias da história do local que corre o risco de desaparecer.

Pouca coisa ou quase nada temos sobre o movimento do cangaço em Nazarezinho – PB, mas é sabido que tal prática está na boca e memória de muitos que relatam como aspecto importante para entender a gênese da memória local. O maior e mais sistematizado documento que dispomos e que irá compor a bibliografia desse estudo é o livro “Vingança Não” do conhecido Pe. Pereira, cuja família viveu de perto as consequências do cangaço nessa comunidade.

Na oportunidade, e após reflexão sobre o movimento do cangaço no Brasil e no Nordeste, realizaremos um levantamento de dados sobre o movimento no município de Nazarezinho – PB e, para tanto, faremos um levantamento também de todo o acervo que nossa comunidade dispõe, de modo que possa orientar a nossa pesquisa e o nosso estudo, contribuindo para a construção de um documento que venha contribuir, embora de forma singela, para a preservação da memória local.

Para tanto, se faz imprescindível abordar alguns conceitos-chaves como o de identidade local. Para Smith (2002, p. 78): “a identidade local – que chamo de naturalidade – é [...] resultado de um cruzamento complexo de forças históricas... produzido pela erosão das tradições religiosas e que depois de criados, tornam-se moduladores”.

Para compreendermos melhor a dimensão da presente discussão em termos históricos e culturais, faz-se necessária uma reflexão mais sistematizada acerca do conceito de cangaço, pois embora o tema tenha tomado um espaço mais significativo no campo da pesquisa científica, é comum que ainda se compreenda o cangaço como aquele movimento de foras da lei armados de facas em punho em busca de sangue. Atualmente essa perspectiva deu espaço a uma compreensão mais global e focada no cangaço como manifestação cultural em determinadas localidades.

Segundo Queiroz (1997, P. 15):

o termo é antigo, pois nessa região já em 1843 se dizia de certos indivíduos que eles ‘andavam debaixo do cangaço’, designando particularmente os que ostensivamente se apresentavam muito armados, de chapéu-de-couro, clavinotes, cartucheiras de pele de onça pintada, longas facas enterçadas batendo na coxa, como escreve o escritor cearense Gustavo Barroso.

Para a autora, o termo cangaço remonta à década de 40 e traz à tona a origem das modernas concepções do cangaço como um evento violento. Sua própria idéia originária se relaciona a fatos como armamento pesado e com traços de uma postura que nada teme, típica do homem sertanejo.

O modo como o cangaceiro se arruma com armas na cintura e no peito nos indica uma idéia de poder e destemor, cujo objetivo era de causar o impacto do medo em quem quer que os afrontasse.

Na França, na década de 60, os estudos sobre o tema apontaram duas vertentes: o cangaço dependente e o cangaço independente. Segundo Dutra (2011, p. 20):

O primeiro diz respeito aos grupos de homens armados os quais se colocavam a serviço de um chefe político em troca de proteção e benefícios (soldos e alimentos), e que, como garantia, se dispunha a enfrentar qualquer trabalho solicitado pelo chefe. [...] os cangaceiros dependentes habitavam nas terras desses chefes e não só se deixavam envolver em troca de proteção, havendo por trás um forte cunho de interesse financeiro, pois também se colocavam a serviço daqueles que lhe pagassem mais.

Nesse sentido, o movimento se organizou como uma espécie de “trabalho”, uma vez que negociavam suas lutas a troco de segurança, comida, moradia e proteção. Essa vertente costumava agir em nome do seu senhor, por isso, as empreitadas eram menos intensas e menos explícitas como as do outro grupo, mesmo porque tinham um cabeça – o seu senhor – que dava as instruções.

Ainda segundo Queiroz (1997, P. 18):

Esses cangaceiros mansos entravam em ação quando estouravam brigas entre famílias, cujo conflito ganhava proporções exorbitantes pondo a localidade em um caldeirão de pólvora pronto a explodir a qualquer momento. Esses conflitos, geralmente, se arrastavam por gerações sucessivas sendo cada vez mais alimentadas com sangue e ódio.

Nesse sentido, a autora destaca a ligação do cangaço dependente com um certo senhor, chefe de determinada família. Travados os conflitos entre essas famílias, os cangaceiros tinham por objetivo primeiro proteger e atacar seus inimigos.

Chamando a atenção da sociedade, os bandos começaram a causar certa insatisfação social. Nesse sentido, em Juazeiro do Norte – CE, foi elaborado um documento – Pacto dos coronéis - por representantes locais de dezessete municípios da época que desmantelasse esse tipo de organização social. Dutra (2011) destaca trechos importantes em sua dissertação ¹:

Art. 1º Nenhum chefe protegerá criminosos do seu município nem dará apoio nem guarida aos dos municípios vizinhos, devendo pelo contrário ajudar a captura destes, de acordo com a moral e o direito.

Art. 2º Nenhum chefe procurará depor outro chefe, seja qual for a hipótese.

Art. 3º Havendo em qualquer dos municípios reações, ou, mesmo, tentativas contra o chefe oficialmente reconhecido com o fim de depô-lo, ou de desprestigiar-lo, nenhum dos chefes dos outros municípios intervirá nem consentirá que os seus municípios intervenham ajudando direta ou indiretamente os autores da reação.

Art. 4º Em casos tais só poderá intervir por ordem do Governo para manter o chefe e nunca para depor.

Art. 5º Toda e qualquer contrariedade ou desinteligência entre os chefes presentes será resolvida amigavelmente por um acordo, mas nunca por um acordo de tal ordem, cujo resultado seja a deposição, a perda de autoridade ou de autonomia de um deles.

Art. 6º E nessa hipótese, quando não puderem resolver pelo fato de igualdade de votos de duas opiniões, ouvir-se-á o Governo, cuja ordem e decisão será respeitada e estritamente obedecida.

Art. 7º Cada chefe, a bem da ordem e da moral política, terminará por completo a proteção a cangaceiros, não podendo protegê-los e nem consentir que os seus municípios, seja sob que pretexto for, os protejam dando-lhes guarida e apoio.

Art. 8º Manterão todos os chefes aqui presentes inquebrantáveis solidariedade não só pessoal como política, de modo que haja harmonia de vistas entre todos, sendo em qualquer emergência "um por todos e todos por um"...

¹ Ver em: “Nas trilhas do ‘Rei do Cangaco’ e de suas representações”, 2011.

O documento em tela representava a impotência e a desorganização do governo local em relação ao movimento do cangaço, ou de qualquer outro que afligisse a sociedade, pois as estruturas jurídicas não haviam se organizado plenamente.

No que tange aos cangaceiros independentes, Queiroz assegura que estes se caracterizavam pela itinerância, pela liberdade e também pelo caráter de violência na atuação. Estes não se subjugavam a nenhum outro poder, por mais alto que fosse o escalão. Segundo Dutra (2011, p. 24):

Tivemos como expoentes máximos desse cangaço independente os cangaceiros Antonio Silvino, Lampião e Corisco, sendo Lampião o mais notório entre eles, devido o longo tempo permanecido no cangaço, a suas façanhas e immortalização no imaginário social. Esses bandos independentes viviam em constante luta contra a província/volantes até serem presos ou morrerem. Ao contrário dos bandos dependentes, os bandos independentes foram específicos no Nordeste seco.

Dentro dessa perspectiva, o escritor Josué de Castro fala sobre o surgimento do cangaço. Para o autor, a seca e a fome foram grandes propulsores do surgimento do movimento, haja vista as difíceis condições em que vivia o povo do sertão nordestino.

Segundo Dutra (2011, p. 27) complementando Castro “O cangaço se tornava a solução. Quebrando o arraigado código ético sertanejo, o homem aderiu ao banditismo não como um meio de vida, mas como uma necessidade imediata, passando sobre todos os seus princípios tradicionais”.

Aqui ele nos remete à reflexão sobre os valores morais que sondavam o movimento do cangaço. Se por um lado era imoral usar a violência burlando as leis da sociedade para satisfazer necessidades primárias, por outro lado como sobreviver à seca e a fome que assolava a região. Era o cangaço, pois, um meio de sobrevivência.

Em sua obra, Barroso (1930, p. 74) defende a ideia de que “o sertão é uma terra de barbárie, isolada da civilização e ‘luzes litorâneas’, tornando-se quase selvagem. O cangaceiro é uma alma feita de contrastes, anormalidade quase normal na primitiva e estiolada sociedade sertaneja”.

Tal ponto de vista reforça a ideia do sertanejo como sujeito bárbaro, rude que utiliza a força bruta para conseguir sua sobrevivência e que se antagoniza com o lado mais civilizado, por assim dizer, da sociedade.

Discutir sobre esses conceitos que perpassam a ideia de cangaço possibilita-nos uma retomada de consciência acerca do evento. Particularmente no Município de Nazarezinho,

cuja sua percepção coaduna com a que apresentamos essa prática como algo cruel e bárbaro, sem muitas considerações culturais ou valorativas.

Numa primeira análise ousaríamos dizer que o cangaço que Nazarezinho vivenciou e cravou suas mascas na história e no tempo tende a se configurar expressão de um cangaço independente, pois os bandos que aqui apareciam não se subjugavam a determinada família. Eram homens que logo se enveredavam nos caminhos dos fora-da-lei e se fixavam em algum dos bandos comandados por Lampião.

O fato é que o Município de Nazarezinho atualmente encara esse movimento sob uma perspectiva histórica e cultural, como um fator delineador da sua identidade histórica, especificamente no que tange à sua cultura. Nota-se em seus habitantes intensa satisfação ao falar sobre o tema, como se sua história fosse – e é – um patrimônio a ser preservado.

1.2 POR UM CONCEITO DE IDENTIDADE

Outro termo que perpassa esse trabalho e o fundamenta teoricamente é o conceito de identidade. Hall (2006, p. 39) afirma que:

A identidade é algo [...] formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Hall (2006) não se refere apenas ao conjunto de elementos que compõe uma identidade de lugar, de cidade, ele define o termo em sua mais geral concepção. Fala inclusive no âmbito pessoal e individual, ou seja, pode ser pensado como identidade de sujeito, indivíduo, lugar, e até de ideias que se fazem identitárias. Contudo, nos interessa para esse estudo apreender esse conceito no que se refere a um lugar e sua representação identitária forjada e estabelecida com seus habitantes e perante sua condição histórica no mundo.

Para o autor, a identidade de um povo leva em conta aspectos culturais, políticos, sociais, pois é um processo e não algo fixo e pré-determinado biologicamente. Ela é construída ao longo de uma vida e elaborada, reconfigurada por cada grupo social.

A identidade local compreende todas as características individuais de cada sujeito e no todo, pois o meio cultural, no qual o sujeito faz parte, reflete também as questões pessoais,

como linguagem, política, religião, entre tantos outros. Em se tratando de Nazarezinho, o “cangaço” é um elemento histórico fundamental na configuração do perfil do que se pode mencionar de identidade local.

Castells (1999, p. 22) afirma que a identidade “É o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.

O sujeito recebe influências do grupo onde está inserido, tanto em relação à religião, políticas, crenças, valores, entre outros. Para Silva (2011, p. 67) a conceitualização da identidade envolve o exame dos *sistemas classificatórios* que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas; por exemplo, ela é dividida em ao menos dois grupos em oposição – “nós e eles”.

Já Hall (2006, p. 56) aponta para um conceito relativo de identidade cujo foco está na relação dialógica que os indivíduos desencadeiam quando em sociedade. Ele afirma que:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

O autor aborda a temática da identidade sob a perspectiva de sua evolução. Em se tratando de Nazarezinho e mais especificamente da sua história do cangaço, pode-se dizer que a comunidade atravessou essa etapa de maneira marcante politicamente, socialmente, religiosamente e culturalmente. A influência do cangaço foi tamanha que o escritor Humberto Mendes (2012, p. 140) em seu livro “Um olhar da estrada: memórias de Nazarezinho”, afirmou que:

De forma recorrente, as disputas históricas pela posse das terras sertanejas suscitaram a formação de uma sociedade em que o exercício da agressividade e a atuação precária do aparelho judiciário eram ocorrências de aceitação banalizada. As cidades de Catolé do Rocha, Teixeira, Itaporanga (Misericórdia, antigamente) e Piancó tiveram suas rixas de famílias inspiradas nessa atmosfera que fomentou o cangaço desde suas origens.

Para o escritor, no município, o cangaço influenciou comportamentos, crenças, valores e de certo modo, determinou aspectos de formação de um povo. Nesse sentido, falar em cangaço em Nazarezinho é, antes de tudo, falar de política, de religião, de cultura, da própria formação do povo dessa comunidade, uma vez que esse fenômeno lançou seus braços em todos os elementos constituintes da identidade local dessa gente. Por outro lado, representa elementos fortes e acaba por despertar questões subjetivas como ressentimentos, sentimento de orgulho, pertença e no outro extremo até mesmo vergonha. São esses constructos reforçados pela memória e pelos próprios relatos históricos que se fazem representativos do lugar.

Vale destacar ainda que como bem pontuou Hall (2006), existe outras questões como a chamada crise de identidade, ou ainda o surgimento de grupos de sujeitos mais jovens não ligados as suas raízes e historia, mas sim consumidores e produtores de novos significados acabam por resignificar ou até mesmo apagar velhas referencias.

2 MEMÓRIA HISTORIOGRÁFICA

2.1 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

É fato que para haver história é necessário que relatos e fatos sejam narrados, contados, registrados. Sem esta sublime tarefa não é possível o registro da memória e consequentemente o conhecimento e sua transmissão de geração para geração. No que refere à produção bibliográfica e remontam e revelam a prática do cangaço na comunidade ora observada, os registros escritos essenciais a esta pesquisa referem-se a três obras específicas. Todas escritas por seus filhos, habitantes da cidade, estudiosos, pesquisadores dos eventos locais, sejam eles culturais, políticos, religiosos, enfim, pela dinâmica existencial da cidade.

Esses poucos documentos são de fato registros fundamentais da história desse povo, e apesar de pequenas em quantidade destacam-se por seu intenso valor sociocultural e na preservação da memória e dos valores locais.

Assim é que se destacam o livro intitulado “*Vingança Não*” publicado no ano de 1966 pelo autor Pe. Pereira², abordando o evento do cangaço vivenciado na comunidade de Nazarezinho à época de Lampião e do seu bando que impingia grande temor aos moradores de toda a região por seus atos ilegais e datando aproximadamente o ano de 1930. Sobre esta obra Volney Liberato escreveu um artigo em seu site:

Francisco tornou-se padre, e, buscando resgatar uma dívida de honra, escreveu o livro “*Vingança, não*”, onde narra a saga de seu pai e tios, Aproniano e Abdias, apontando os reais motivos que os levaram a envolver com o cangaço. “*Vingança, não*”, que foi originalmente prefaciado pela renomada romancista Rachel de Queiroz, hoje representa um das mais importantes obras literárias sobre o cangaceirismo.³

Trata-se de um texto de memória antes de tudo, pois seu contexto e a própria forma como é escrito remete o leitor ao passado e aos eventos ocorridos na comunidade. Com uma escrita simples e poética, o livro é uma obra literária de valor inestimável para os estudiosos do tema bem como para os moradores dessa terra.

²Francisco Pereira Nóbrega nasceu na Fazenda Jacu, vila de Nazarezinho, então município de Sousa, no dia 24 de abril de 1928. Filho da professora pombalense Jarda Nóbrega e de Francisco Pereira Dantas, um dos maiores ícones da história do cangaceirismo, celebrizado no meio como Chico Pereira. Em 1968 abandonou a batina, mas nunca deixou de ser padre, como gostava de dizer. Em 1971 contraiu núpcias com Lígia Aparecida Moura Pereira Nóbrega, união que deu origem aos filhos Melissa, Marama e Francisco.

³Ver em: <http://volneyliberato.blogspot.com.br/>

Resumidamente, o site “mulheresdocangaco.com.br” conta a história do cangaceiro Chico Pereira:

Tudo começou em 1920, na localidade de São Gonçalo, Sertão da Paraíba, quando Jarda conheceu Chico, então com 20 anos, um pacato comerciante de cal. Filho do coronel João Pereira, pessoa bem relacionada na redondeza. De repente, o coronel viu-se envolvido numa briga na sua mercearia. E nela, foi morto o coronel. Uma morte encomendada por questões políticas. Agonizante, João Pereira pediu aos filhos que não queria vingança como ditava o código de honra da época. Chico, o filho mais velho conseguiu prender Zé Dias, que matou seu pai e o entregou à polícia achando que assim a justiça seria feita. Mas na semana seguinte, Zé Dias estava solto, para revolta de todos. Chico era insuflado pelo povo a vingar-se e ao mesmo tempo não queria revidar, mas percebia a má vontade da polícia em prender Zé Dias. Tinha receio de ser chamado de frouxo. Então, o jeito foi fazer justiça com as próprias mãos, como fez Virgolino. A cidade de Souza perdeu a tranquilidade e a briga entre famílias Pereira e Dias ganhava corpo. Chico vingou a morte do pai e tornou-se cangaceiro. Formou um bando e sua vida mudou totalmente e a de sua noiva também. Passou a ser foragido da polícia.

Desse modo, percebe-se que Chico Pereira foi levado pelas circunstâncias e pela pressão da comunidade local, cuja cultura clamava vingança, a entrar no cangaço não apenas como forma de autodefesa, mas antes como meio de firmar-se culturalmente como homem de honra, que cumpre os seus deveres morais.

Mas o cangaceiro nazarezhense não vivia só de vingança. Chico Pereira tinha uma noiva e seu relacionamento teve que se consolidar em meio a encontros escondidos e casamento por procuração. Diz o site:

Entretanto, sua preocupação maior era Jarda, sua noiva adolescente. Após uma longa conversa com ela, alertou para o tipo de vida que levava e, se ela quisesse desistir do casamento prometido, ele iria entender. “É com você que quero me casar”, foi a resposta. E como seria esse casamento? Conseguiram celebrar por meio de procuração, na manhã de 26 de maio de 1925, na igreja de Pombal. Jarda continuou morando com a família e os encontros com o marido eram escondidos. Nasceu o primeiro filho, Raimundo. Depois vieram Dagmar e Francisco. Houve uma menina, mas morreu prematura. Jarda teve uma vida marcada por mortes trágicas: pai, sogro, cunhado e marido.

A vida do casal não foi fácil. Mas apesar de todo um contexto de medo, de morte, de dor, o desejo pela vida e pelo amor falava mais alto: “Chico Pereira comandou vários ataques, inclusive com cangaceiros de Lampião. Passou seis anos nessa vida até encontrar a morte

misteriosa numa estrada do Rio Grande do Norte, aos 28 anos de idade, a 24 de agosto de 1928. Uma morte até hoje não esclarecida”.

O livro, escrito por seu filho, o ex-padre Francisco Pereira relata de maneira até romântica a aventura do pai no mundo do cangaço, de modo a encantar os leitores pelo retorno aos fatos passados.

Outra obra de referência na comunidade sobre o tema em tela é o livro lançado recentemente “*Um olhar da estrada: Memórias de Nazarezinho*” datando de 2011, de autoria de Humberto Mendes de Sá Formiga⁴.

Trata-se de uma coletânea de memórias locais e descrição de fatos e acontecimentos de caráter político, religioso, econômico e cultural. O próprio Formiga (2011, p. 11) assim escreve em seu preâmbulo:

Estas são memórias de um tempo em que a luz elétrica era um sonho, distante do interior. Até aqueles idos, o sertão era, à noite, o reflexo das chamas tênues de lamparinas corajosas, que enfrentavam uma escuridão que só temia o sol. São Lembranças de um sertão rural, de natureza parcimoniosa, pródiga em inebriar inocentes, com o cheiro da terra molhada e os prazeres dos banhos de rio e de sol e do abandono à brisa fresca, à sombra rara, aos amores.

O autor coloca seu livro no rol dos textos dememória, pois lida diretamente com essa fonte para fundamentar suas reflexões sobre os mais variados acontecimentos da comunidade e, nesse sentido, também fala dos eventos concernentes ao cangaço Formiga (2011, p. 141):

A incursão de Chico Pereira no cangaço contextualiza-se com a falta de eficiência da estrutura judicial estabelecida, diante de um ambiente social marcado por conflitos, que, em muitas situações, atendiam a interesses partidários. Mas a luta pela posse da terra estava ausente das razões que levaram Chico Pereira a se converter no principal ícone do cangaço no sertão paraibano da década de 1920. Nesse caso emblemático, as rixas políticas, travadas em um interior esquecido à própria sorte e alimentadas pela debilidade do governo em aplicar a lei e fazer justiça, estão na raiz da tragédia. O último advogado de Chico Pereira foi João Fernandes Campos Café Filho. Café filho viria a ser presidente do Brasil entre 24 de agosto de 1954 e 8 de novembro de 1955, quando foi deposto. Ele era o vice-presidente de Getúlio Vargas, quando este suicidou, em 1954. Em 28 de outubro de 1928, aos 28 anos de idade, morria Chico Pereira, assassinado pela polícia do Rio Grande do Norte em Currais Novos.

⁴ Humberto Mendes de Sá Formiga é filho de Nazarezinho, Engenheiro Agrônomo e atualmente Consultor Legislativo do Senado Federal na área de política agrícola e agrária.

Conforme narra o autor do livro, o cangaço resultou em parte “da estrutura judicial estabelecida” marcada pela desorganização e falta de uma dinâmica sistematizada na realização das questões judiciais.

Desse modo, e junto com o impacto da pressão social e cultural, Chico Pereira é compelido a vingar o pai, passando então ao estado de clandestinidade e entrando para o cangaço.

Sobre a atuação de Chico Pereira no Cangaço, o autor (2011, p. 202) afirma que “O ponto culminante da atuação de Chico Pereira no cangaço foi a parceria com o bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, para o cerco e à invasão à cidade de Sousa em 1924, sob as lágrimas e protestos de sua mãe”.

Ainda nesse contexto, Formiga (2011, p. 203) fala sobre o livro “Vingança não”: “Do talento do padre Pereira nasceu o livro “Vingança, Não”, que conta a dramática passagem de Chico Pereira pelo cangaço. A história está registrada em vários outros livros. Em nenhum deles, com tamanha emoção”.

Enfim, são obras que afirmam a história e a memória de um povo, com enfoque no acontecimento do cangaço e nas memórias dessa gente. São textos fundamentais que resgatam e perpetuam a identidade de povo e que ajuda a compreender de certo modo, o contexto atual em que se organiza a cidade.

Finalmente, a obra que apesar de não tratar do cangaço ajuda ao leitor numa compreensão das origens da comunidade e tantos outros aspectos fundamentais na compreensão da sua cultura e na delimitação da sua identidade.

A obra serve de referência para todas as pesquisas sobre a comunidade e é de autoria da professora historiadora Socorro Augusta, intitulada: “*Nazarezinho: das origens aos dias atuais*”, de 2003.

Segundo Augusta, Nazarezinho tem sua origem apontada para a dedicação aos trabalhos de engenhos de cana-de-açúcar, que funcionou como ponto forte da economia local durante muito tempo.

Enfim, na monocultura escravista e latifundiária e, é claro, nos processos de colonização e povoamento do sertão paraibano. O resgate histórico da cidade é baseado nos relatos advindo da memória local.

O depoimento do Professor Deusdet Leitão mostra isso, conforme aponta Augusta (2003, p. 17):

Segundo entrevistas concedidas por alguns de seus descendentes, inclusive do seu tetraneto, o Professor e Historiador Deusdet Leitão, o fundador de Nazarezinho era natural de Pernambuco e veio para os sertões do Rio do Peixe, no início do século XIX, atraído pela presença nessa região dos seus parentes que provinham de Luiz Gomes de Albuquerque, o sesmeiro que se instalou nas proximidades da lagoa de São Francisco e ali deu início ao povoamento daquele trecho do extremo oeste paraibano, onde hoje está situada a cidade de Cajazeiras. Luiz Gomes de Albuquerque era o pai de Ana Francisca de Albuquerque (mãe Aninha) e avô do renomado educador sertanejo Padre Mestre Inácio de Sousa Rolim, tão conhecidos na história de Cajazeiras.

Segundo a professora, seu estudo, que tem se configurado um referencia no registro e na pesquisa histórica da comunidade de Nazarezinho, foi possível a partir daquilo que o povo guardou na memória. Os relatos foram essenciais na construção do documento.

2.2 PRODUÇÃO IMAGÉTICA E DOCUMENTAL

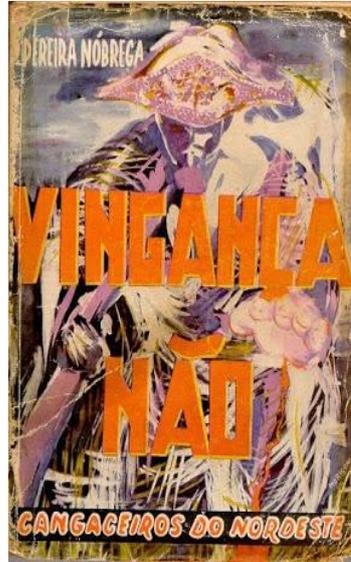
A origem da comunidade de Nazarezinho remonta à memória de seu povo, a fatos ocorridos nesse local e que de algum modo desencadearam seu processo histórico de construção e crescimento. No caso específico de Nazarezinho – PB sua origem destaca alguns fatores de ordem política, religiosa ou cultural, a exemplo do cangaço. Esse é um dos pontos fortes em termos de cultura local e de identidade cultural.

Os relatos dos moradores da cidade, ao serem interpelados sobre as recordações e memória sobre antepassados, sempre revelam esse recorte como fato marcante de sua história. Mas, além das produções bibliográficas e dos relatos dos cidadãos, vale destacar os registros imagéticos. A imagem em forma de ilustração, fotografia, vídeos e documentários muito revelam sobre um povo e sua identidade. Os elementos icônicos e visuais constituem discursos não verbais, mas capazes de falar, de construir significados.

Da capa do livro *“Vingança não”*, com seus rabiscos fortes da ilustração que reforçam o chapéu, um ícone dos cangaceiros, a arma em punho que pode ser visualizada, a postura de ação do homem ali representado, tudo isso sugere a ideia de força, de nordestinidade, de disposição pra a ação, para o enfrentamento.

A figura abaixo remete a leituras icônicas fundamentais que muito revelam sobre a prática do cangaço. Nela, pode-se observar um homem com arma na mão e o típico chapéu de couro de boi, típicos da cultura do cangaço do sertão nordestino.

Figura 1: Capa do Livro Vingança Não, de Padre Pereira



Fonte: <http://cariricangaco.blogspot.com.br/>

Já a fotografia de Chico Pereira, que aparece na Figura 2, é ainda mais representativa e passível de uma leitura a partir tanto da vestimenta, quanto da postura do cangaceiro, seu olhar altivo, cabeça erguida, chapéu e arma em destaques. A bota que dá um ar de mobilidade rápida e por terrenos difíceis, tudo isso carrega em si toda a imagem que se tem do homem do cangaço.

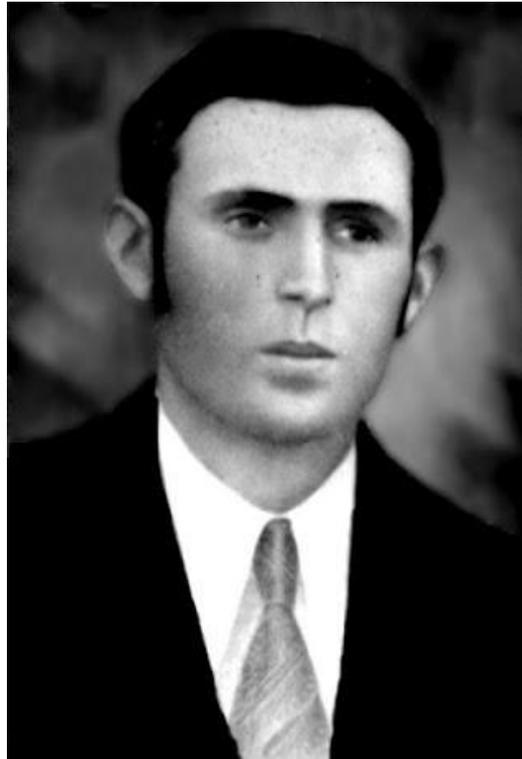
Figura 2: Foto do cangaceiro Chico Pereira



Fonte: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/>

Ao contrario do que nos mostra a foto anterior, a **figura 3** abaixo não elenca nenhum símbolo do cangaço. Ao que nos parece, Chico Pereira está de terno e gravata e ar sério. A foto é de arquivo pessoal do blog “mendesmendes” e nos dá a sensação de um homem comum sem maiores envolvimento no movimento do cangaço.

Figura 3: Foto do cangaceiro Chico Pereira



Fonte: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/>

A foto que segue, da **figura 4**, também de arquivo pessoal e registrada no livro “Vingança Não”, é de Jarda, esposa de Chico Pereira, a vestimenta e a postura junto ao cavalo demonstra como a mulher de alguns homens do cangaço se identificavam com essa prática nordestina.

Mesmo não fazendo parte de forma efetiva do grupo, sempre apoiou o seu marido. Conforme a memória local, Jarda era mulher de temperamento forte e guerreira; batalhadora e realizava atividades das mais difíceis para cuidar da sua família, em especial depois da morte do seu marido.

Figura 4: Jarda, esposa de Chico Pereira



Fonte: <http://www.mulheresdocangaco.com.br>

Na **figura 5** abaixo aparece a Capelinha localizada a esquerda da Rodovia BR 226, sentido Currais Novos-Natal. Foi o exato local que o cangaceiro Chico Pereira foi assassinado quando vinha responder júri no Acari.

Trata-se de uma imagem símbolo do fim de uma trajetória de vida de um morador que se tornou conhecido na cidade por sua atuação no cangaço. A imagem faz parte do acervo pessoal da família Pereira e pode ser vista por visitantes e curiosos em geral no ‘Feiraço’, evento anual patrocinado pelo Banco do Nordeste.

A ideia do evento é preservar aspectos culturais e históricos da cidade através de diversos tipos de apresentações: dramatizações, recitais, música, dança, etc. O projeto é de autoria de Íris Mendes de Medeiros e Helena Maria Pereira, responsáveis pelas atividades culturais do Município de Nazarezinho – PB junto à administração pública local.

Figura 5: Capelinha



Fonte: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/>

N**afigura 6**temos a visão frontal da casa onde ele viveu, na zona rural do município de Nazarezinho, Sítio Jacu. Conta-se que há vários vestígios das ações do cangaço na casa, como marcas de balas e de fogo. Este fato não foi registrado em nenhum estudo, mas é contado pelos cidadãos como verdadeiros. Por isso mesmo vale ressaltar a importância dos relatos e memórias do povo.

Essa saga faz parte do imaginário coletivo do povo e alimenta as longas horas de histórias em calçadas e conferências da cidade sobre o cangaço, sobre a origem da cidade, sobre a sua história.



Figura 6: Ruínas do casarão pertencente a Chico Pereira de Nazarezinho, Situado no sítio Jacu, município de Nazarezinho, encontra-se, infelizmente em ruínas.

Fonte:<http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/>

Outro livro que aborda o tema é “Um olhar da estrada: Memórias de Nazarezinho”, de Humberto Mendes de Sá Formiga, no qual o autor seleciona uma coletânea de memórias e de informações sobre a comunidade local: sua cultura, política, economia, entre outros aspectos.

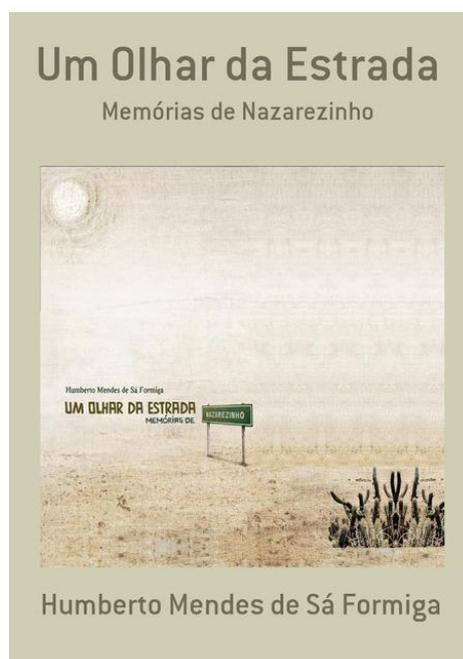


Figura 7: Capa do Livro de Humberto Mendes

Fonte:<https://clubedeautores.com.br>

Enfim, são documentos que ajudam a registrar a memória da comunidade nazarezinense, além de propagar a sua cultura e firmar uma identidade local. Na realidade, esse acervo sobre a história do povo e da comunidade de Nazarezinho apenas agora começou a ser organizada, haja vista a cidade estar engatinhando em seus aspectos culturais mais formais. É justamente por isso que surge esta proposta de pesquisa, no intento de fomentar tal documentação.

3 MEMÓRIA POPULAR

É possível conceber a memória como algo abstrato que se constrói no imaginário do indivíduo e possui caráter essencialmente simbólico, uma vez que lida com a organização de estruturas ou mecanismos que possuem algum tipo de significação para o indivíduo.

Nesses termos é possível afirmar que o conceito de memória está relacionado à questão temporal, haja vista aqueles mecanismos estarem dispersos na linha do tempo, em especial no passado, de onde são retiradas as lembranças que compõem essa memória a princípio individual, mas que posteriormente ganha cunho social.

Essa mesma memória é o cerne da formação da identidade de um povo. Pois se concretiza através da seleção de atos que possuem relevância essencial para que as lembranças venham à tona.

Nesse sentido, nossa posição é de encarar a memória como um processo, não apenas individual, mas de caráter essencialmente social, de construção de identidade de uma determinada comunidade. Dentro dessa perspectiva é possível, pois, compreender o seu caráter dinâmico e flexível, dada a sua condição de realização.

De acordo com Horta & Priore (2005, p. 04)

Toda a memória humana é, assim, memória de alguém. De uma pessoa determinada e dotada de um sentimento especial. Sentimento definido por um nome próprio. Mas também pelo limite entre a pessoa e o mundo exterior. Para cada pessoa, sua memória tem duas faces. Ela se refere ao Eu, mas, também, ao olhar que a pessoa tem sobre si mesma. Por isso, ninguém pode ser privado de memória sem ser despossuído de identidade. Sem memória, uma pessoa não se reconhece. Ela se despedaça... Deixa de existir. Neste sentido, toda pessoa é memória, embora, não seja, apenas, memória

Na perspectiva das autoras a memória ganha uma dimensão social e extrapola os limites das lembranças pessoais que o indivíduo possa dispor. Assim é que a memória é compreendida, segundo as estudiosas, como algo que possui dupla face: uma individual representando ao olhar da pessoa sobre os acontecimentos; e outra social que lhe permite traçar sua identidade cultural.

Nesse sentido, a estudiosa da área, Iris Mendes de Medeiros, bibliotecária e responsável pela organização e desenvolvimento das atividades culturais no Município de Nazarezinho – PB fala sobre o que é mito e o que é verdade na história de Chico Pereira e no movimento do Cangaço na comunidade:

A história sobre o cangaço no município de Nazarezinho e a participação de Chico Pereira será sempre um patrimônio cultural para a nossa comunidade. A questão sobre a veracidade ou não dos fatos narrados na e pela comunidade aponta para questões de ordem lendárias e ao mesmo tempo científicas, pois parte desses fatos foi comprovada; outros, no entanto, ficam suspensos nas lembranças da gente da terra. De acordo com os estudos aqui realizados, o mito nessa história, por exemplo, é que para muitos, Chico Pereira foi um herói, quando para outros ele foi um Cangaceiro perverso que se serviu de sua condição de cangaceiro para realizar atos cruéis contra os povos por onde passava.

Para a estudiosa a história do cangaço em Nazarezinho se reveste de uma dupla perspectiva: de um lado a história contada pelo povo; de outro a história daquilo que se pode comprovar. Ambos os fatos são relativamente trazidos pela memória local, ficando quase impossível conhecer de fato como se de o evento na comunidade.

No mesmo sentido, a pesquisadora Helena Maria Pereira, também responsável pelo desenvolvimento de atividades culturais no Município afirma que:

A história de Chico Pereira se tornou um mito a partir da fantasia vivenciada neste enredo. Tendo em vista as personagens se tornarem heróis ou bandidos. Ao mesmo tempo sabemos também que é uma história verídica. Então acredito que existe realmente esta mistura de mito e verdade, porque é bem clara a causa que levou Chico Pereira a virar cangaceiro, que foi a vingança da morte do pai. Chico Pereira mesmo tendo se tornado cangaceiro pelas circunstâncias, era um ser humano e deveria ter sido respeitado como qualquer um.

Para esta outra, Chico Pereira tanto se apresenta como um ser humano real, que vivenciou experiências humanas concretas e reais, como a vingança da morte do pai; como se apresenta também como um personagem de um enredo: a história do cangaço de Nazarezinho. Isso, segundo ela, dá uma “mistura de mito e verdade”, mas que a relevância de um em detrimento a outro fator não desvaloriza a causa.

De acordo com os depoimentos, percebemos que a memória coletiva é heterogênea e flexível quanto às suas delimitações, pois traz em sua essência uma sucessão de acontecimentos já realizados e por isso, muito difícil de serem delimitados.

De acordo com Horta & Priore (2005, p. 08)

a memória segue o pivô central de nossa existência social, pois ela é a única maneira de fazer triunfar a vida sobre a morte, o espírito sobre o nada, estabelecendo a cadeia das gerações. Ela é tão mais ativa quanto menos precisa de recursos para lembrar-se. E ela é tão mais viva, quanto é menos carregada de memórias mortas. Mas, se os historiadores são, naturalmente, prepostos da memória, convém tomar cuidado e resistir contra certa moda ambiente que tudo quer transformar em memória. O dever de memória não deve, sobretudo, conduzir a sacralizações.

Para as autoras, a memória se constitui como algo vivo e pouco preciso, pois está perpassada por acontecimentos já realizados na linha tênue do tempo. Também alertam para o risco da “sacralização” em que alguns estudiosos acabam atribuindo-lhe tal função. Os relatos devem ser analisados em sua veracidade sem, contudo, apelar para uma visão idealista do evento histórico.

Questionadas sobre a importância da preservação dos relatos na preservação da memória local, as promotoras culturais da comunidade de Nazarezinho, Helena Pereira afirmou que:

A preservação desses relatos é de grande importância para a memória cultural de nossa cidade. Assim, fazer dessa história um mito ou uma verdade social e principalmente, difundi-la entre as gerações futuras é torná-la parte integrante da nossa identidade cultural e local, na medida em que passam a compor o acervo histórico da comunidade.

Para a estudiosa, a preservação dos relatos é fator de importância crucial na preservação da memória e da cultural local. Além disso, eles ajudam a impingir uma identidade cultural à determinada comunidade. Nesse sentido, Iris Mendes ao ser indagada sobre o cangaço como elemento da identidade de Nazarezinho afirmou que:

O Cangaço é importante na medida em que se resgata valores Culturais da nossa terra. Neste intuito de promover o resgate desses valores alguns eventos tem sido organizados como: O Feiraço- Feira de Arte e Cultura, que teve seu início de 2005, e o Parahyba Cangaço, em 2013, que foi crido através do Cariri Cangaço. Atualmente nossa luta é voltada para a criação de um MUSEU. Através desses eventos, procura-se criar uma consciência voltada para a preservação do Patrimônio, como também da memória do nosso.

Para a bibliotecária o evento do Cangaço acabou por se configurar como um espaço para o resgate de alguns valores culturais na comunidade onde vive.

Por outro lado, a estudiosa Maria Helena afirmou que:

O cangaço é um elemento forte na identidade de Nazarezinho, pois a identidade de um povo está relacionada às suas vivências, suas descobertas, seus elementos. Esta história de Chico Pereira é nossa também, como também o é a de Naninha, Zequinha e muitos outros integrantes da nossa cidade que teriam histórias maravilhosas a serem resgatadas. Desse modo, acredito que essa história é um patrimônio nosso e que a história do cangaço é, sem sombra de dúvida, um traço forte na nossa identidade.

Para ela a história do cangaço, assim como outras reconhecidas na região compõem o rol dos nossos traços distintivos quanto à identidade cultural local. Talvez essa seja sua maior contribuição para a nossa sociedade, pois a memória de um povo é sempre organizada tendo em foco diversas lembranças de acontecimentos e experiências vivenciadas na comunidade local.

A memória social é um espaço de construção de identidade, mas acima de qualquer coisa ela é espaço político de transformação e de contestação, haja vista a dinamicidade que envolve a discussão. Assim, a memória se constitui também como fator determinantemente cultural que lidando com experiências passadas permite a orientação de se fazer perpetuar tais fatos pelo tempo. Desse modo, é necessário não somente colher depoimentos ou fatos, mas antes de tudo, sistematizar tais informações de tal modo que possam de fato traçar um perfil sobre a identidade da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o percurso histórico de um povo, percebemos que em nossa memória pessoal ou coletiva acabamos por destacar certos acontecimentos ou personagens que, de alguma forma, têm representação simbólica para nós. Essas memórias e tudo que a ela se refere como a linguagem e os costumes, acabam por compor a identidade cultural dessa mesma comunidade. Desse modo, a identidade cultural é um processo de construção ao mesmo tempo em que se configura reflexo de um processo de vivências.

Dentro desse universo de criação histórica é que destacamos neste trabalho o personagem Chico Pereira reconhecidamente ícone do cangaço pelas pessoas da sua comunidade que até os dias atuais guardam, como se um tesouro fosse, as lembranças desse evento na pacata terrinha de Nazarezinho.

O cangaço enquanto episódio histórico brasileiro e nordestino agravou um acentuado problema da região: a seca e a fome. Os cangaceiros vistos como homens revoltados e violentos por um lado, e por outro, como heróis, desafiavam as autoridades da região. Nesse cenário é que Chico Pereira surgiu como representante maior do movimento na comunidade nazarezinense. A dimensão antes mais ampla, no cenário nacional, acabou ganhando contornos mais nítidos e significativos numa pequena cidade do interior paraibano. Assim, o cangaço se configura hoje como importante aspecto histórico e cultural e como fator marcante da identidade local desse povo.

Dessa forma, podemos concluir que o evento do cangaço independentemente de sua valoração positiva ou negativa, se configura hoje na comunidade de Nazarezinho – PB como um fator extremamente importante no que tange à construção da identidade cultural local da comunidade. Suas implicações ultrapassam questões meramente de ordens culturais ou artísticas, passando mesmo a exercer influências de ordem econômica, política e religiosa na dinâmica social da cidade.

No nosso trabalho objetivamos uma análise mais detida acerca dos aspectos históricos tanto mitológico quanto científico da história do cangaço na comunidade de Nazarezinho tendo como expoente “Chico Pereira”, a partir da produção documental e das memórias locais. Acreditamos com isso que foi possível promover um debate mais sistemático e significativo sobre o cangaço na nossa comunidade, além de contribuir com essa pesquisa para o acervo documental sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AUGUSTA, M. S. **Nazarezinho: das origens aos dias atuais**. Artigo publicado em 2003.

BARROSO, G. **Almas da lama e de aço**. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

CASTELLS, Manuel; GERHARDT, KlaussBrandini (trad.). **O poder da identidade**. V. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUTRA, W. R. **Nas trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações**. João Pessoa: 2011.

FORMIGA, H. M. de Sá. **Um olhar da estrada: Memórias de Nazarezinho**. Brasília: Gráfica VIP, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

HORTA, M de L. P.; PRIORE, M del. **Memória, patrimônio e identidade: o “baú de ossos”**: história como parte da memória & memória como objeto da história. MEC/TVescola. Boletim 04, abril de 2005.

LIBERATO, V. *In:* <http://obeabadosertao.com.br/>

NÓBREGA, F. P. **Vingança não**. 3. ed. João Pessoa: 1989.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Historia do cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SMITH, W. **Barão Geraldo: história e identidade local**. in: Revista de história regional 7(2):207-230, Inverno 2002. Disponível em: <http://eventos.uepg.br/ojs2/index.php/rhr/article/viewFile/2162/1642>. Acesso em 24 de janeiro de 2014.

<http://fpnobrega.blogs.sapo.pt/>

<http://www.mulheresdocangaco.com.br/jarda-a-esposa-menina-2/>

<http://volneyliberato.blogspot.com.br/>

APÊNDICE

Questionário aplicado às responsáveis pelos eventos culturais da comunidade de Nazarezinho
– PB pela administração pública local.

QUESTIONÁRIO

1. Para você o que mito é o que é verdade na estória de Chico Pereira como cangaçageiro?
2. Qual a importância de preservação desses relatos para preservação da memória local?
3. Você acha que o cangaço é um elemento forte da identidade de Nazarezinho?